



MALAGA.

DA assomada das collinas que circumdam a interessante cidade de Málaga, a obra de duas leguas de distancia, compraz-se o viajante na contemplação da magnifica variedade daquelles contornos. Paiz rico, povoado e coberto de vinhatarias, oliveas, amendoeiras, pomares d'espinho; o pressuroso movimento das aguas de varios ribeiros, que soltando-se das alturas as cortam para todos os lados, a formosa aggregação da cidade que á maneira de amphitheatro se eleva gradualmente em suave declive sobre o rio Guadalmedina, ostentando uma multidão de cúpulas e torres; a magestosa Serranvada, coroadada de gelos, fechando o quadro; formam um composto magico e difficil de descrever. — Circuitam a cidade tres grandes arrabaldes com extensas e largas ruas e boa casaria: de outras estreitas e mal calçadas se compõe o antigo recinto, algumas dellas em torcicolos; e as praças ou largos são acanhados; sem embargo do que o todo é agradável pela disposição da planta geral, policia, vista de mar e baixéis que o sulcam, pelo bello porto onde muitos navios ancoram, pelos bonitos jardins, hortas e plantios de arvores fructiferas, casas de campo, &c., e pelo seu clima temperado, atmospheria limpa e sadia. Numera 7:000 edificios, pela terça parte de construcção moderna. A mesquinha estructura das casas antigas contrasta sobremaneira com a formosa apparencia das posteriores e a boa architectura de alguns edificios publicos, como a Sé, a igreja dos Martyres, o Hospital de S. Julião, S. Filippe Neri, e outros.

AGOSTO 12 — 1843.

A sé compõe-se de tres naves divididas por oito pilares até o cruzeiro, e outros tantos que rodeam a capella-mór. Estes pilares são grupos de columnas corinthias sobre seus pedestaes. A fachada principal é de dois corpos com columnas de marmore, e seu frontispicio não é muito elegante; tem duas torres, uma de 105 varas castelhanas [mui proxim. 40 braças portug.], e a outra por concluir só chega á altura da fachada. Nas outras duas portadas que correspondem aos braços do cruzeiro se nota a demasiada profusão de folhagens e outros que taes ornatos, bem como no interior do templo. Os cantos do pavimento, as columnas dos porticos, seus adornos, os pulpitos, e balaustres, são de marmores e jaspes, extrahidos do territorio daquelle comarca. A Diogo da Silva se attribue a traça da obra, ainda que só consta que teve principio em 22 de junho de 1522: tardou muito a rematar-se, do que procederam notaveis alterações em sua primitiva planta, visto que fôra dirigida por diversos mestres; conhece-se todavia que a intenção do primeiro fôra edificar pelo molde da cathedral de Granada.

Muito nos estenderiamos se quizessemos noticiar as bellezas dos demais edificios publicos, tanto sagrados como prophanos; todavia não deixaremos de mencionar alguns, taes como, a alfandega, magnifico palacio, de obra moderna, que acredita o architecto D. Manuel Martim Rodrigues, e em que se tem gasto acima de um milhão de cruzados. Tambem devemos citar o collegio de San-Telmo, a

2.^a SERIE. — VOL. II.

casa do Consulado, e o paço episcopal, todo de cantaria e de boa architectura. O theatro foi dirigido pelo romano Masesqui, que lhe deixou decorações de muito bom gosto. O passeio da Alameda está situado entre os mais sumptuosos e commodos edificios da cidade e proximo ao porto, aformoseam-no um excellente chafariz e muitas estatuas por entre o arvoredado, nem faltam os bancos de pedra; é um dos vistosos da Hespanha.

O porto de Málaga é talvez dos mais interessantes do Mediterraneo, quer pela concorrência de embarcações, quer pela visinhança do Estreito e servir de abrigo aos que fogem deste reinando temporaes. Na ponta do molhe antigo ha um farol rotatorio construido pelo engenheiro Perri; todos os materiaes que nesta obra entraram foram feitos em Hespanha, como se lê na inscripção sobre a porta; accendeu-se a primeira vez em 30 de maio de 1817.

São justamente celebradas as produções do territorio de Málaga, particularmente fructas seccas, batatas, assucar, algodão, e o vinho de que faz abundantes colheitas; modernamente o enriqueceu mais a aclimatação da cochonilha; a canna doce commum e a de Otaiti dão-se como na America e India, e do mesmo modo varias fructas do Novo-mundo, e o tamarindo; algumas arvores d'Africa medram como na costa fronteira. Junte-se a tudo isto a fartura e delicado sabor do pescado, a brandura do clima, a actividade do commercio e industria, o caracter alegre dos habitantes, e achar-se-ha que esta cidade é das privilegiadas no mundo para se desfructarem os encantos da existencia.

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.

X.

QUALQUER que a causa seja, é facto que se observa hoje na Europa um crescimento de produção, e uma tendencia a crescimento ainda maior, tanto na industria fabril, como na agricultura. Deste augmento de productos em cada estado, e dos mais essenciaes, nasce o ir diminuindo a necessidade que cada um poderia ter de se supprir nos alheios. E desta dimintuição commum procede que cada povo vai progressivamente tornando-se o consumidor, maior e mais certo, dos seus generos proprios, agricolas ou fabris. Obrigado cada paiz a contar principalmente com o consumo interno, que hade fazer senão engrandecer o horisonte desse consumo? E como hade engrandece-lo senão aproveitando todas as facultades do homem, e todos os productos do solo? As facultades do homem de que maneira hade aproveita-las se assim como as emprega na cultura do solo, as não empregar nas artes fabris; e os productos do solo se do mesmo modo que destina uma parte delles ao alimento, não destinar outra parte ao consumo das fabricas? Uma nova officina que se levanta é uma nova sahida que se abre aos productos agricolas. Uma nova terra que se ara é um novo mercado que se franquicia aos artigos de manufactura. Attende-se, desta sorte, ás diversas aptidões do homem, occupando-as a todas, e ás precisiões variadas da nossa especie, creando objectos com que ellas se satisfaçam.

Deste cuidado e estudo, que cada nação applica

aos seus recursos internos, deriva o empenho com que cada qual affasta dos seus dominios, para que lhe não empeça, a concorrência estranha. Tem, na verdade, sido malefico em muitos casos, a muitas empresas, e a muitos ramos d'industria, este systema de restricções, esta politica repulsiva: e não se aponta um unico exemplo de ter sido proveitosa a algum paiz, se não caminha escoltada de machinas, de capitaes, de methodos e instrumentos successivamente aperfeiçoados, de muito discernimento e perseverança: prova incontestavel de que são estes, não ella, os verdadeiros motores e a origem directa de todo o progresso economico. Mas é fóra de duvida, que tem muitas vezes servido de auxiliar áquelles motores, e que sem esse auxilio, a intervenção delles seria insufficiente ou inefficaz. Que sem restricções é impossivel introduzir a industria fabril em alguns paizes, ninguem nega: affirma-se todavia que as fabricas fundadas com o favor d'um tal artificio abortam e são damnosas á riqueza e prosperidade da nação que as protege. Affirmativa que na boca das que vivem da exportação dos seus artefactos, e portanto suspeitas e interessadas, é argumento de mais para nos convencermos — repito — que sem a mediação, não digo do systema restrictivo, mas de restricções temporarias, é impossivel erigir fabricas e sustenta-las em alguns paizes.

Condemno as restricções como systema, como principio, e como regra geral: o principio, o systema, a regra geral opposta — a liberdade — é que é verdadeira e genuina — a liberdade de exercer qualquer industria, e de comprar e vender ou no paiz ou fóra d'elle. Mas para ser proficua esta liberdade, não hade parar no arbitrio absoluto que com ella se concede aos productores e consumidores, a uns de escolher o ramo industrial a que queiram dedicar-se, a outros de se irem prover no mercado que mais lhes convenha que é sempre o mais barato. Suppõe-se sempre que productores e consumidores farão uso judicioso desse arbitrio, e empregarão ao mesmo tempo meios e instrumentos productivos adequados; porque se os não empregarem, a liberdade, sem este adjutorio, é medida vã, facultade inutil. O que se comprehende tão facilmente, que demonstra-lo parece superfluo.

Posta a liberdade, assim entendida, como regra e systema, os limites á facultade de produzir, e de comprar e vender onde se queira, constituem a excepção; de maneira que tamanho absurdo vem a ser arvorar a excepção em principio, e as restricções em systema, como decidir que o principio ou a regra não soffre excepções. Os que attribuem ás restricções a creação e adiantamento da industria fabril, cahem n'um erro grosseiro, se estimam de nenhum preço as machinas que encurtam as despezas do fabrico, abreviam e esmeram o trabalho, os capitaes que o nutrem, as vias de comunicação outras tantas arterias, por onde circulam os productos: meios, entre outros, indispensaveis e efficacissimos de produção. Os que, ao contrario, reputam absolutamente mallogradas ou prejudiciaes as restricções, reluctam contra a experiencia que os desmente: mas por isso mesmo que ellas são a limitação requer-se mais discernimento no applica-las, e corre-se maior risco de abusar.

Succede umas vezes que ao desleixo e desprimor no fabrico interno se juntam direitos excessivos de importação, e que, convidado por estes dois incentivos, o contrabando atropella todos os obstaculos, e introduz por suas portas travessas os productos

estrangeiros em tanta copia que as fabricas nacionaes morrem de desamparo e inanição. Succede outras vezes que a falta de modelos e de concurrencia estranha desestimula e descuida o fabricante nacional a ponto que o consumidor, desgostoso ou da imperfeição da obra ou da exaggeração do preço, chama pela interferencia do contrabandista; chamamento ao qual nunca é surdo o contrabandista. É mister bastante tino para não topar neste escolho. Mas se o contrabando annullando a acção das restricções pôde matar a industria fabril, a liberdade absoluta proscrevendo-as não será igualmente assassina?

Eu disse — note-se bem — que o contrabando annulla a acção das restricções neste sentido — *que elle é o agente, por cuja intervenção entram no mercado nacional os artigos estrangeiros, que se descejavam afugentar do mesmo mercado.* Mas se eu attento na causa primaria que traz a esse mercado aquellos artigos, então digo que no menos preço dos verdadeiros motores da industria fabril, está, na realidade, a origem da desvalia dos productos nacionaes, e da voga dos que o não são. Considerações simples e evidentes a mostrar por um lado que os instrumentos productivos são a condição essencial da existencia das fabricas, e que as restricções não passam de expediente, necessario certamente, mas occasional e temporario; e por outro lado, que se estas não são recursos como os outros, genericos e permanentes, nem por isso se pôde negar a sua influencia no estabelecimento e progresso das fabricas; pois a confirma-la basta o impulso immenso que deu ás de França o bloqueio continental, que vedando ás mercadorias inglezas a entrada em França, na Alemanha, e na Italia, abriu todo este vasto mercado aos productos da industria franceza. E se me oppozerem que esse impulso foi devido á abolição das mestrias e regulamentos que entorpeciam o desenvolvimento da mesma industria, confessatei que é verdade, mas que o bloqueio continental concorreu juntamente com aquella abolição, cada qual por estylo e gráu differente, para tamanho progresso. Accrescentarei que os obstaculos que esse bloqueio pôz á importação do trigo estrangeiro na Inglaterra forçaram a cultivar as terras, aguilhoando, como confessa um dos mais distinctos economistas daquella nação, a agricultura ingleza a ponto de refazer a distancia que tinha perdido, e marchar em linha com as suas rivaes. E se me instarem que sommados os ganhos das nações que lucraram, e as perdas das que perderam com o mesmo bloqueio, o resultado mostra uma diminuição na riqueza universal, concederei de barato esse resultado: mas lembrarei que cada povo, como associação separada de outros povos, avalia a bondade das suas medidas economicas pelo interesse que dellas tira, e não pelo damno que as mesmas medidas causam ou podem causar a outras nações. E que se quando um paiz medra em prosperidade á custa de outro paiz e com detrimento d'elle, a massa geral da riqueza não augmenta e até pôde decrescer, ainda que fôra melhor para o genero humano que o beneficio alcançado por um fosse de natureza a communicar-se, mais ou menos, a todos os outros, como succede nos aperfeiçoamentos industriaes, nem por isso se hade dizer que o estado que se fortalece e lucra accidentalmente com o abaixamento de outro estado, deixe de fortalecer-se e lucrar, como lucrou França ao abrigo do bloqueio continental.

É que os aperfeiçoamentos industriaes são conquistas do homem sobre a natureza, e os seus segredos — conquistas com que a humanidade aproveita; em quanto as de um povo sobre outro povo ou seja de territorio arrancado violentamente pelas armas, ou de mercados havidos com a mesma violencia, e resguardados por linhas de alfandegas, são, como os roubos e os ganhos ao jogo ou pela fraude, mera *transferenciã* de riqueza das mãos do espoliado para as do espoliador. Este utiliza, mas na accepção economica e rigorosa do vocabulo, não *produz*; porque a producção pertence somente ao trabalho industrioso, e a outra ordem de luctas diversas das luctas marciaes ou politicas. É que na esphera da economia politica o homem combate somente com a materia e o mundo exterior, e na esphera da politica e da guerra o homem combate com os seus semelhantes. Estes combates differenciam-se, estas espheras estão separadas: mas não é tal a separação que no caso de se julgar indispensavel uma guerra cujas armas sejam as pautas, e baluartes as alfandegas, não releve convocar a conselho a sciencia economica para que ella opine até onde se ha de levar essa guerra, e até que ponto se ha de prolongar, para que d'ahi colha um povo vantagens analogas ás que os meios economicos e os instrumentos productivos, pela sua indole humanitaria, liberalisam a todos os povos. O desiderandum da sciencia, a theoria das sahidas e mercados é substituir a estes artificios administrativos os agentes da industria, e trocar estas manobras do egoismo nacional por doutrinas largas e sociaes de fraternidade entre todas as nações, e por um regime de franqueza e liberdade commercial. Mas é forçoso remetter ao futuro a resolução completa d'esta questão, já que o estado presente a não compadecce, e deixar ás nações grandes e disciplinadas nas artes da industria a iniciativa em reformas tão extensas, e mudanças tão profundas.

Porque temos já interessados nas fabricas uma porção consideravel de braços e de valores. Porque ellas podem convocar os capitães que se acham emigrados em bancos estrangeiros. Porque afiançam á agricultura novo consumo tanto dos generos alimenticios, como das materias primas. Porque a marcha da producção na Europa, e a experiencia de casa nos mostra ser o reino o melhor e o principal consumidor dos nossos productos agricolas. Porque não deparámos na exportação, que em taes circumstancias podêmos fazer, equivalente, que nos resarça da perda das fabricas. Porque ellas manifestam tendencia muito positiva a propagar-se. — Por estas que nos parecem razões cabaes, sem amontoar outras, concluimos que havemos mister industria fabril tanto como precisâmos vestuario e mobilia. A nossa opinião n'esta materia, é tão arreigada, a nossa convicção tão profunda, e esta necessidade nacional nos parece de tal modo clara e patente que, em verdade, olhos que a não vejam, entendimentos que a repugnem, consciencias sinceras que a resistam, custa-nos a conceber como as haja. Não é por antepormos as artes fabris á agricultura — preferencia cerebrina e insensata, e simulação de rivalidade onde o que deve haver é *consorcio*. Não é porque podem subsistir 6000 habitantes quando se dedicam á manufactura na mesma legua quadrada em que apenas podem alimentar-se 1800 quando se empregam na lavoura: verdade estatistica completamente inutil, ao menos por longos annos para nós, — cujo terreno sobra tanto á população. Não! É que quando

corre um paiz agricultado, o observador não se contenta com a pompa e o verdor dos campos: admira os dons da natureza na vegetação; mas quer também admirar os milagres do engenho no interior das fabricas. N'estes pequenos recintos da industria — pequenos em proporção dos vastos laboratorios da terra — é o trabalho muito mais solerte, a arte muito mais esmerada, a producção muito mais activa, e é n'elles que tem o seu verdadeiro assento o imperio do homem. Quantos recebem lá o sêllo social, quantos productos do solo e da creação que sem esse sêllo nenhum valor e quasi nenhum prestimo te-

riam, as madeiras, as laãs, o linho, o ferro, e o algodão! lembra-me sempre, não sei porque, sempre que ouço Inglaterra aconselhar-nos a nós e ao resto do continente que desistamos da industria fabril, aquelle impagavel Roberto de Limoges, bispo de Litchfield que pelos annos de 1071 a 1072 publicou um decreto prohibindo aos clerigos saxões o uso dos alimentos nutrientes, e dos livros instructivos, com *receio*, diz o historiador, *de que o bom alimento e a sciencia lhes dessem demasiada força e atrevimento contra o seu bispo!*

(Continuar-se-ha.)
A. d'O. Marreca.



A ASSUMPÇÃO DE N. S.^ª — SEGUNDO A GRAVURA DE FINIGUERRA.

O PRIMEIRO IMPRESSOR DE GRAVURAS EM METAL.

Na epocha do renascimento das artes na Italia não se limitavam os ourives, como ao presente, a fabricar trastes de ouro e prata para os usos ordinarios da vida, mas desenhavam, esculpiam, cinzelavam e gravavam, fazendo obras de mui variada especie e destinos, para o que modelavam em cera as peças que intentavam. A nossa intenção agora é considera-los no exercicio de gravadores nesse tempo. — Tendo traçado o seu debuxo a ponção e buril n'uma chapa metalica, usavam, para que sobresahissem as figuras, linhas cruzadas nos fundos, e alguns cortes nos logares sombreados, cujo effeito era dar mais esplendor aos ornatos de prata em

relevo. Como este artefacto principiou na Italia, chamaram á operação *niellare* [esmaltar], donde veio a palavra *niello*. Abrindo-se qualquer dictionario italiano [e basta o excellente de Joaquim José da Costa e Sá] achar se-ha que *niello* significa *esmalte feito em ouro, ou prata, ou qualquer metal*. Mas como esta voz se applicou indifferentemente a quatro cousas, que não obstante a reciproca e intima relação não devem confundir-se, daremos algumas explicações. A principal é a composição que formava o esmalte preto que apontámos. Quando o artifice queria esmaltar [empregaremos sempre este verbo] a obra concluida a buril, deitava n'um cadinho cobre, chumbo, enxofre, borax, até que se vitrificassem, decantava o mixto e deixava-o es-

friar: pisava depois a massa vitrea chegando-a a pó finissimo; com extrema precaução o esparzia sobre as partes gravadas da lamina de prata que pertendia esmaltar: feito o que, expunha a chapa ao lume, dirigindo para ella a chamma por meio de um pequeno folle, operação que hoje se faria com um maçarico. Posto novamente em fusão o esmalte adheria ao metal segurando-se nas minimas escabrosidades da gravura: esfriada a lamina, passava-se primeiro com a pedra pomes, depois com materiaes mais brandos e por fim com a mão sómente, até ficar completamente burnida.— De tempos remotos foi conhecido este methodo em França; e Ducange no Glossario o descreve, ainda que brevemente.

Mr. Duchesne senior, conservador do gabinete de estampas na bibliotheca real em Paris, publicou em 1826 o *Ensaio sobre os esmaltes*, onde observa que não permittindo aquella operação retoque ou reparação, era preciso que o artifice estivesse bem certo de que o trabalho estava bem concluido antes de lançar a composição sobre o metal, por isso estava na precisão de tirar provas repetidas para avaliar o progresso da gravura, valendo-se ao principio d'um barro fino e compacto que absorvia facilmente a tinta negra e espessa com que havia procurado encher os traços; e assim extrahiam provas do seu trabalho: mas estes moldes tinham o inconveniente de serem mui quebradiços, e então occorreu fazerem-nos de enxofre assentado sobre o barro. — Agigantado foi o passo de perfeição quando em vez destas segundas se conseguiu tirar provas em papel: viu-se por tal occasião a primeira estampa, e estava descoberta a industria de imprimir com uma chapa de metal gravada. Sem entrarmos em disputas de preferencia, é fóra de duvida que similhante arte teve por berço Florença, no meado do seculo 15.º— Já Vasari tinha referido que pondo ao acaso uma mulher a trouxa da roupa ainda molhada sobre o mostrador da loja de Thomaz Finiguerra, afamado ourives florentino, sem reparar que a deixára em cima de uma chapa prompta para o esmalte de que tratámos, ficou attonita quando ao termo de algum tempo indo buscar o atado viu com a maior exactão reproduzido todo o lavor da gravura na roupa humida. Esta casualidade, de que os homens vulgares não fariam caso, despertou a attenção do engenhoso Finiguerra, que repetindo o ensaio em téla branca reflectiu que o papel daria o mesmo effeito, e que aperfeiçoando mais e mais o descobrimento chegaria a sujeitar por meio de um cilindro uma folha de papel sobre a sua chapa gravada, e assim alcançaria exacta copia della: a origem da arte de estampador estava manifesta.

Entre os objectos destinados ao culto, nos quaes os ourives exercitavam seu talento, devem ter menção distincta as laminas da *pax tecum* [a paz do Senhor seja comtigo]: existia uma destas obras de Finiguerra, que apesar da falta de nome e marca era authentica, porque nos archivos da syndicatora de Florença constava o preço porque fóra paga, e que representava a Assumpção da St.^{ma} Virgem; tinha-a o museu daquella cidade, e fóra considerada antigamente obra tão notavel que della tiraram moldes, um dos quaes chegou a nossos dias, e foi comprado em Inglaterra ha vinte e sinco annos por 250 libras esterlinas. O achado de uma prova em papel da mesma lamina deu maior evidencia ás conjecturas antecedentes, resolvendo ao mes-

mo tempo a questão de saber-se quem foi o inventor da impressão de gravuras feitas em metal. A bibliotheca de Paris possuia este monumento artistico, sem lhe conhecer a valia, até que pelo fim de 1797 o abbade Zani o reconheceu e assignalou; «D'então para cá [diz Duchesne] todos os amantes das artes, que visitam aquelle gabinete d'estampas admiram esta prova da primeira estampa impressa por Thomaz Finiguerra em 1452.» — Com effeito a obra original é digna da attenção e exame dos mestres. — Representa, como dissemos, a *Assumpção*: quanto aos anachronismos não fallemos, que todos sabem quão frequentes os commettiam os engenhos dessa epocha: por exemplo, Jesu-Christo tem um barrete como o que trazia o Doge de Veneza; e os mais que se notarão pela seguinte e succinta descripção. — Jesu-Christo colloca a corôa sobre a cabeça da SS.^{ma} Virgem, que se inclina com os braços cruzados sobre o peito: estas duas imagens estão n'um throno todo sustentado por anjos, e na parte superior ha mais quatro pegando n'uma tarja em que se lê: *Assumpta est Maria in calum, ave exercitus angelorum*. No primeiro plano estão ajoelhados St.^o Agostinho e St.^o Ambrosio, um de báculo e outro com as mãos cruzadas; seguem-se algumas santas, distinguindo-se pela roda St.^a Catharina e pelo cordeiro St.^a Ignez: entre outros muitos santos conhece-se o precursor, S. João Baptista, vestido de pelles e empunhando uma cruz.

Por vir a proposito da representação da precedente gravura damos a seguinte passagem de um distincto escriptor nosso, fallando da solemnidade que celebra a igreja no dia 15 do corrente. — «A festa da Assumpção e coroação triumphante, diz o P.^o Soares, que é mui propria da Virgem, e com excellencia entre todas suas festas, porque representa sua gloria, premio, e triumpho; e é de tanta dignidade que ainda que seja de Direito positivo se funda proximamente ou quasi necessariamente se deduz do Divino. Entende-se que foi instituida pelos Apostolos; pelo menos é certo ser antiquissima na primitiva Igreja, como consta de homilias dos santos padres, principalmente gregos. O papa S. Damazo, portuguez, da illustre villa de Guimarães, com aquelle celestial accordo, com que ordenou tantas cousas na Igreja; como foi a trasladação da Biblia por S. Jeronymo, e a repartição dos psalms pelo mesmo santo, para se rezarem nos dias da semana e horas do dia, e que no fim delles se dissesse *Gloria Patri*, &c., e se cantassem alternativamente a córos em toda a Igreja; ... e com que ordenou que no principio da Missa se dissesse a confissão e depois do Evangelho o *Credo* aos domingos e alguns dias de festa; com o mesmo accordo mandou que de preceito se celebrasse esta festa santissima ao decimo-quinto d'agosto em que a Senhora passou desta vida; esta antiguidade lhe dá Jacob Palmerio; e porque na observancia havia menos cuidado a applicou depois o imperador Mauricio, como escreve Nicephoro e declara Baronio. — A. de Sousa de Macedo. *Eva e Ave*, part. 2.^a in fine.

O BRAZEIRO.

III.

A RAINHA desempenhou a sua palavra, porque pouco tempo depois, em 3 d'outubro de 1611, morreu de repente na flor da idade e no maior esplendor da sua belleza. D. Fernando lhe havia precedi-

do; tambem este morreu, como seu irmão mais velho, pelas mãos do algoz; este que era o ultimo ramo dos Peñacerradas. Senhor, podieis tê-lo salvado, mas não quizestes. Recusastes perdoar ao culpado, apesar da rainha vo-lo implorar de joelhos; e fizestes bem em dar um alto exemplo de profunda veneração ás leis da etiqueta que são leis do reino. V. M. sem duvida se lembrou então que tendo lamentado a sorte de alguns condemnados pela santa inquisição, V. M. não tinha recusado dar uma porção do seu proprio sangue para ser queimado pelo algoz, em penitencia das sacrilegas lagrimas que havia derramado. Pensaveis sem duvida que devieis seguir sempre ávante tão nobre carreira, apegado aos usos de vossos maiores, agora confiados ás vossas reaes mãos. Senhor, foi uma sublime lição para os vossos descendentes; e eu sinto que o mais proximo, o principe das Asturias, não esteja aqui presente para enthesourar as minhas palavras, e para aprender como algum dia deve aproveitar estes exemplos que V. M. lhe deixa.

«E que foi feito do respeitavel conde velho, digno de toda a compaixão?» — perguntou a princeza.

«Lamentais o conde — tornou o monge em tom severo. — Não tendes razão, senhora. O velho julgava que bastava ensinar seus filhos de tal modo que nunca largassem a vereda da honra, da virtude, e da gloria; e que se elles soubessem caçar o javali e o veado, montar um cavallo bravo, e manejar a espada, teriam todos os conhecimentos necessarios a um fidalgo castelhano; mas isto não é bastante: não é assim, senhor? Um nobre castelhano deve mais que tudo saber a etiqueta, código severo que contém a todos dentro nos limites da sua obrigação e dos seus direitos; que assegura ás pessoas reaes a veneração que em todas as situações da vida lhe deve ser tributada. Por isso o conde foi castigado no que peccou. Como Rachel, não se quiz consolar de que seus filhos tinham deixado de existir; despediu todos os criados; e encerrou-se só no seu castello, onde morreu de magoa. Esta é a razão porque o castello velho não é habitado e cabe em ruinas. Deus tenha misericordia dos seus habitantes finados. — *Amen* — disseram todos; — e *amen* — disse tambem Filippe 3.^o

Fr. Ambrosio callou-se, e os circumstantes ficaram em funebre silencio. Todos os olhos se voltaram para elrei, que se mechia na cadeira, como quem queria dizer alguma cousa; mas a lingua secca e os beiços tremulos não lhe permittiam falar. O dia já acabando, e as cortinas de damasco apenas deixavam passar uma luz pallida, cujos amortecidos raios se misturavam com o vermelho reflexo do brazeiro. Com tal claridade, todos estes grandes d'Hespanha, com seus trajos negros e rostos immoveis, o velho monge com a cara enrugada e severa, em grupos em roda da cadeira d'elrei, pareciam uma congregação de espectros rodeando um moribundo.

De repente tocou um sino na capella. — «São ave marias — disse Fr. Ambrosio. — A etiqueta exige que todos agora saíam da camara d'elrei, excepto os que tem qualidade ecclesiastica, a fim de que elrei possa fazer as suas orações.»

O mordomo-mór deu signal levantando-se, e todos os presentes seguiram o seu exemplo, e silenciosos despejaram a sala. A princeza Isabel foi a unica que antes de se retirar se chegou a elrei para lhe beijar a mão. Afigurou-se-lhe que a mão de

rei procurára a sua para a deter. Quando todos haviam sahido, entrou um guarda-roupa para accender as vellas de um candieiro de braços: tornou logo a sahir, e cerrando a porta, Fr. Ambrosio, o pobre monge de S. Jeronymo, se achou só com o omnipotente rei das Hespanhas e de ambas as Indias.

«Senhor — disse Fr. Ambrosio com profundo acatamento, puchando pelo seu breviario — apraz a V. M. pôr-se de joelhos? Eu lerei as orações em voz alta.»

«Meu reverendo padre — tornou Filippe 3.^o, levantando-se com custo — ajudai-me para que eu possa fazer as minhas devoções: estou muito fraco.»

«Senhor, é uma grande honra que V. M. faz a um pobre monge, mas está no seu poder. Quando elrei D. Filippe 2.^o, vosso pai de saudosa memoria, sentiu approximar-se do seu fim, e se refugiou n'uma cella do nosso convento do Escorial, que desde então é conhecida pela denominação de camara da morte d'elrei, sempre tinha ao pé da sua cadeira ou do seu leito um dos nossos irmãos para o dirigir nas suas praticas religiosas.»

«Mas — exclamou elrei parando na sua penosa ida para o genuflexorio — eu ainda não estou tão adiantado como meu pai; tenho só quarenta e tres annos: nesta idade ainda me posso considerar moço; e se a mão de Deus tem pesado muito sobre mim, e me tem castigado este inverno com doenças graves, agora acho-me consideravelmente melhor: os medicos tem-me dito que estou em plena convalescença. A primavera está á porta; e a primavera para mim é saude e nova vida. Já os jardins de Aranjuez estão em flôr, como me dizem; os jardins de Aranjuez me estão esperando. Podéis crer, reverendo padre, que se eu quizesse já hoje para lá ir.»

«Senhor, V. M. é omnipotente e só a Deus deve conta das suas acções; mas o palacio de Aranjuez é muito longe de Madrid, e a jornada cançaria a V. M. O palacio do Escorial é muito mais perto, e tambem lá ha bellos jardins.» — «O Escorial — disse elrei levantando a voz com um terror instinctivo — lá não ha senão tumulos.»

«O tempo passa; — disse friamente Fr. Ambrosio — já ha muito tempo que deram as ave marias. V. M. digna-se ajoelhar? aqui está o genuflexorio.» — «Ajudai-me, reverendissimo.» — Elrei com o socorro do monge, postoque com custo, havia ajoelhado na almofada de velludo, e o monge lhe perguntou se devia começar as orações. — «Abri o vosso breviario ao acaso, qualquer reza é agradável a Deus, me diz o meu confessor. — É um psalmo: eu lerei o primeiro verso, V. M. póde repeti-lo. — Então principiou o monge com voz solemne o primeiro verso do psalmo 50:

«*Misere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.*» Elrei olhou para o monge com ar espavorido, mas repetiu as palavras sagradas com voz tremula. O monge leu o seguinte verso ainda com maior expressão:

«*Et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.*»

Mas — interrompeu elrei — este psalmo é um dos sete penitenciaes, que se rezam á cabeceira dos moribundos.»

«Senhor — respondeu Fr. Ambrosio — executei as ordens de V. M.; abri o meu breviario ao acaso. Se nisto pequei, mereço desculpa; porque os

monges da nossa ordem não estão costumados a estar diante dos reis vivos, mas só de reis mortos ou moribundos.»

«Bem; — disse seccamente Philippe 3.^o — seja como fôr, as minhas pernas ainda não estão bastante fortes para poder estar muito tempo nesta posição. Ajudai-me a levantar; quero tornar a sentar-me.»

Seguiu-se um momento de silencio. Em quanto elrei se tornava a sentar não pôde deixar de olhar com pavor para o ancião, que lhe dava a ajuda do seu braço, procurando na physionomia do monge uma recordação remota, um signal fugitivo de conhecimento, que vislumbrava diante da sua imaginação.

Assentado elrei, o monge inclinou-se com a mais profunda submissão, e dispunha-se a sahir.

«Ficai — disse elrei com vivacidade; — para onde ides?»

«Senhor, permitti que eu me retire da vossa presença: bem tenho notado que tive a desdita de lhe desagradar.»

«Ficai; já ha muito tempo que estais no convento de S. Lourenço? — Sim, meu senhor, já ha muito tempo. — Conhecestes porventura o conde de Peñacerrada? ereis seu amigo ou seu parente?»

«Senhor, o conde de Peñacerrada era um inimigo d'elrei, um desprezador ousado das leis da etiqueta. Deus me defenda de todo o contrato com os inimigos d'elrei, que menoscabam as leis sagradas da etiqueta.»

Filippe 3.^o passou a mão pela testa, como quem accorda de um sonho terrivel, e acha que só foi sonho; e disse com affabilidade, quasi timorato: «Reverendissimo, crêdes que o Juiz Supremo algum dia me pedirá conta do sangue dos dois jovens?»

«Senhor, a solução desse escrupulo pertence só ao padre Aliago, vosso confessor. — Perguntar-lho hei:» — e depois o rei continuou: «Eu estranho-me; o breve espaço para o oratorio deve-me ter cansado, porque ainda agora estava todo gelado, e agora sinto-me abrazado. Vêde como o fogo arde no brazeiro; não achais a casa insuportavelmente quente?»

«Senhor, eu estou velho; nos meus annos o sangue já está gelado; e não sinto o que V. M. diz.»

«Isto é extraordinario» — disse elrei em voz baixa, e inclinou a cabeça como se se sentisse adormecer.

Entretanto cada vez mais se incendiava o brazeiro, e parecia mudado em forno. Já o calor e a e-halação do fogo tinham absorvido o ar vital da casa, e as vellas no oratorio davam um clarão incerto. — Fóra, a lua se tinha levantado de traz dos jardins do Buen-Retiro, e pelas vidraças da câmara real se via claramente a estatua equestre de Carlos 5.^o com o seu arnez, que com olhar sombrio parecia contemplar a luta mortal de seu neto. Havia neste momento alguma cousa de symbolico no aspecto destas duas figuras reaes; uma de bronze e ferro, outra de carne e osso; uma direita e altiva, illuminada pelo nobre astro da noite, reflexo do sol de Pavia e de Cerisole; a outra dormitando suffocada pelo calor artificial do seu sol, — um brazeiro.

Subitamente elrei pareceu accoradar de um lethargo, endireitou-se, enxugou as grossas bagas da testa, e disse quasi imperceptivelmente: «Mandai tirar o brazeiro. — Senhor — respondeu o monge — eu vou avisar os officiaes a quem compete este of-

ficio. — Fr. Ambrosio sahiu e voltou em meio minuto. Elrei mal podia já articular. — Senhor o official competente ausentou-se, mandaram-no chamar, e não pôde tardar. — Elrei não respondeu, mas pouco depois disse: Sinto-me morrer, padre, desabotoai-me o fato. — Senhor, não mereço tanta honra. A etiqueta não permite a um pobre frade jeronimo tocar no fato d'elrei: este officio compete ao nobre duque de Medina Cæli...»

«Meu Deus, isso é verdade, mas eu morro. Ar, ar, padre, abri a janella. — Senhor, não me posso atrever a isso; não posso aspirar a tanto. É absolutamente prohibido a todos excepto ao mordomo-mór, ou ao monteiro-mór, abrir qualquer janella na camara d'elrei, estando presente.» — Fallando assim Fr. Ambrosio mal podia respirar, e os olhos quasi se lhe turvavam.

Elrei animou-se, fez uma tentativa para se levantar da cadeira, mas cahiu para traz. «Ah! — disse quasi sem voz — isto é um tormento horrivel. Monge, monge, não vês que morro se me não dás ar, se me não tiras este brazeiro, este brazeiro que me suffoca e mata.»

Então Fr. Ambrosio inclinou-se ao ouvido d'elrei, e disse com voz sepulchral que penetrou o moribundo rei com arripios gelados, que juntou aos martyrios do corpo os mais terriveis martyrios da alma: «Estais lembrado, senhor, que D. Sancho morreu ás mãos do carrasco, porque não estava presente o presidente do conselho de Castella para vos appresentar uma penna... Estais lembrado que D. Fernando de Peñacerrada morreu ás mãos do algóz, por ter ousado tocar na rainha, quando se tratava de lhe salvar a vida...»

«Peñacerradas! Penhacerradas! — exclamou elrei, e de terror se lhe arripiou o cabello, — sempre Peñacerradas!... E olhou para o monge, que estava immovel ao pé da cadeira, com a cabeça mettida no capuz, em attitude de reflexão e de attenção.

«Misericordia, monge, não esperes até que venha o official do paço para tirar o brazeiro. Eu te dou a minha palavra real, que por este crime não hasde ser castigado. Monge, eu farei mais, o primeiro hispado que vagar será teu. Reverendo padre, fallai-me; que pretendeis mais? Oh! Misericordia, misericordia... Meu Deus, meu Deus...»

Mas Fr. Ambrosio ficou immovel. Tambem não tinha havido misericordia para D. Sancho de Peñacerrada, nem para seu irmão D. Fernando.

Neste momento se ouviu um grito d'elrei, um ultimo grito, grito de dôr e de desesperação: — «Ah! monge, monge, agora te reconheço; és o velho Peñacerrada... E sem sentidos cahiu sobre o braço da cadeira. A porta da camara real abriu-se no mesmo momento, e entraram o official do brazeiro, e o medico d'elrei.

«Vindes a tempo, senhores — disse o monge. — Sua Magestade desmaiou por não poder supportar mais o calor do brazeiro.» Tirou-se este; o medico acudiu immediatamente a elrei, observando-o com signaes da maior inquietação. Em quanto durava este exame, cujo resultado Fr. Ambrosio esperava com inalteravel placidez, abriu-se de novo a porta e um official annunciou:

«Sua alteza, o principe das Asturias, pede licença para tributar os seus respeitoes a elrei.»

Fr. Ambrosio deitou olhos escrutadores ao medico, e dirigindo-se ao official disse:

«Já não ha principe das Asturias. Annunciai S.

M. D. Filipe 4.º rei das Hespanhas e de ambas as Indias. A etiqueta manda que antes de principiar o seu reinado, o novo rei seja o primeiro que visite o rei defuncto.

QUAES SÃO OS VERDADEIROS BENS, E QUAES OS FALSOS;
E QUE COUSA É VIRTUDE (*).

MUITO folgarei [disse o discipulo] de ouvir esta divisão dos bens, e folgaria de saber quaes são os verdadeiros para os seguir, e quaes os falsos para os deixar. Os verdadeiros bens, disse o mestre, são fé, esperança, e caridade, e a divina graça, prudencia, justiça e temperança, fortaleza, humildade, mansidão, castidade, esmola, paciencia, abstinencia, e todas as mais virtudes e dons do Espirito Santo, e bemaventuranças evangelicas. Estes são os bens que nos fazem bons, e de que os inimigos nos não podem despojar, se nós não quizermos. Estas são as verdadeiras riquezas, e não as terrenas que são muitas vezes possuidas dos máus, e occasião de males; as quaes se podem perder e nos podem perder. E por isso não são ellas bens verdadeiros, mas falsos; e mais, pois enganam seus possuidores, e os deixam [como dizem] no melhor, e quando muito chegam com elles até a morte, mas assim os desamparam. No fio dos falsos bens andam de parçaria enfiados com riquezas os favores e privanças dos principes e honras do mundo, e as outras cousas a que o vulgo chama bens da fortuna. E nesta lista entram os bens que chamam da natureza, como são formosura da carne, força, ligeireza, e outros desta qualidade. Estes são os bens que nos não fazem bons, antes são muitas vezes possuidos dos máus, e instrumentos dos seus males. E nelles não deve ninguem confiar como em cousa segura, porque não são fixos nem permanentes, mas inconstantes e transitorios, e podem nolos tirar, ainda que nós não queiramos. Qualquer tribulação os desbarata, qualquer mudança os tira, qualquer vento os arranca. O mundo é como uma farça, aonde entram diversas figuras, umas de principes e nobres, outras de mecanicos e lavradores; e acerta-se que os mecanicos entram por figuras de nobres, e os nobres por figuras de mecanicos. Dura isto em quanto dura o auto; elle acabado fica cada um no que era. O que representava a figura do principe ia com vestidos alheios; um lhe emprestava o saio, outro a capa, outro a gorra: acabada a festa cada um levou o seu, e elle ficou sem nada, e donde entrara por principe, fica alfayate, como d'antes era: assim o mundo transtorna as cousas, a uns derriba, a outros levanta. Aos que de baixa sorte vem a sublimar, um dia lhe tira a honra, outro os officios, outro a fazenda: até os deixar na cepa que d'antes eram. São mudanças do mundo, é ródá que anda ás voltas, são ondas a que não é concedida nenhuma firmeza. Nas partilhas desta vida os justos ficam com as virtudes, que são bens de raiz que duram, e os depravados não querem senão riquezas e deleitações, que são moveis que se çafam e acabam, e gastam com o tempo: assim como o raio de fogo, segundo conta Plinio no segundo da Historia Natural, fere quanto acha na terra, senão o loureiro. Eu, disse o discipulo, antes queria ter virtudes que saber-lhe a definição; porque Aristoteles diz nas Ethicas, que não basta saber da virtude, mas que é necessario

(*) Extracto de Heitor Pinto: *Imag. da V. Christã.*

trabalhar de a ter. Bom é praticar della, mas melhor é possuí-la: as palavras passam, e as obras ficam. Mas nem por isso deixo de desejar de saber a definição á virtude. Nisso, disse o mestre, tendes vós muita rasão, porque S. Paulo diz na primeira aos corinthios que o reino de Deus não está em palavras, mas em virtudes. E assim os que ensinam mais movem com o que fazem que com o que dizem. Assim como primeiro ouvimos ferir o páu, e depois ouvimos o tom: assim primeiro nos move o que vemos obrar que o que ouvimos dizer. Mais efficacia para persuadir tem as obras que as palavras. Mas pois quereis saber a definição da virtude, eu vo-la direi. A virtude é uma qualidade boa d'alma com a qual se vive rectamente, da qual ninguem usa mal, a qual Deus obra em nós. Assim a define St.º Agostinho no livro do Livre Arbitrio. E no livro da Quantidade da Alma diz que é uma igualdade de vida, que de todas as partes quadra com a rasão. E no livro decimo-quinto da Cidade de Deus diz que é uma ordem de amor. E por isso diz a Esposa nos Cantares: Ordenou em mim a caridade. S. Bernardo no tratado *ad fratres de Monte Dei* diz que a virtude é uso da livre vontade ao juizo da rasão. Aristoteles, fallando no segundo das Ethicas das virtudes moraes, diz que a virtude é um habito e electivo que consiste no meio em respeito de nós, definido e determinado pela rasão do prudente. E nas Politicas diz que a propriedade da virtude é fazer virtuoso. E por virtuoso não entende um homem tão justo que não cáia em alguma culpa; porque, como diz Eliano no livro da Varia Historia, assim não ha peixe sem espiha, assim não ha homem sem culpa. Quem é aquelle, fallando pela via ordinaria, que pelo decurso da sua vida não cáia em alguma venialidade? Mas por virtuoso entende o que está habituado em bem obrar moralmente, e com concertto, ainda que alguma vez tenha algum acto desconcertado, porque nas virtudes adquiridas o acto não é contrario ao habito, e póde um homem de temperado habito fazer um acto de destemperança; e fazer um acto de destemperança sem perder o habito de temperança; porque a virtude é habito, e não qualquer, mas habito excellente. Ella muda a alfandega de máus pensamentos em rica camara de santas meditações, e a terra converte-a em céu; quero dizer, que pelas virtudes os que antes eram terrenos se tornam espirituaes, porque tem a Sagrada Escritura por costume aos justos chamar céu, e aos impios terra. Assim como o sol que passa pela vidraça toma a cór da cousa em que fere, assim o homem toma a figura da cousa a que se applica. Se se applica ás cousas celestes toma a figura do céu, se ás cousas terrenas, da terra; e assim como o vicio converte o céu em terra, assim a virtude a terra em céu. Com ella se esmalta a natureza, e se purifica a nobreza do sangue, e se lava a nodoa da baixa geração, e se alimpa e orna a consciencia; e, finalmente, é um verdadeiro bem que nos faz bons; o que não convem aos bens da natureza, nem aos que communmente chamam da fortuna.

O PROGRESSO da civilização não é representado pela copia das commodidades superfluas, nem pelos caprichos da moda; mas sim pela fortaleza e rectidão do animo, e pela prática mais generalizada das virtudes, assim domesticas como civicas.